



# III EREPEG

## Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

### OS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA E A ABORDAGEM DO SEMIÁRIDO NORDESTINO

**Antonio Izidro Sobrinho**

*Mestrando em Geografia/CERES/UFRN  
antonioizidro58@gmail.com*

**Jeane Medeiros Silva**

*Profa. Dra. do Departamento de Geografia/CERES/UFRN  
jeanegeo@yahoo.com.br*

#### RESUMO

O semiárido do Nordeste Brasileiro historicamente sempre foi tratado na maioria dos livros didáticos como uma visão diferenciada, para menos, se comparado a outros recortes do país. Local de secas, carência econômica, retirantes; onde prevalece, dentre as fontes de renda, é o assistencialismo governamental. Durante décadas os livros didáticos pintaram essa cena do Nordeste em suas poucas páginas dedicadas ao tema – às vezes menos de uma – ao falar de semiárido e caatinga. Nos livros de Geografia de diferentes décadas o Nordeste e, sobretudo, o semiárido é retratado como um reduto de pessoas extremamente pobres que buscavam no Sudeste e Sul do país a sobrevivência por subserviência em serviços que os “sulistas” não queriam. Desse modo, pretende-se, por meio deste estudo bibliográfico mostrar um semiárido que também possui outras perspectivas que não são divulgadas e muito menos reproduzidas em sala de aula de Geografia na educação básica.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, Semiárido paraibano, livros didáticos.

#### 1 INTRODUÇÃO

Compreender o semiárido nordestino não é uma tarefa fácil por se tratar de um grande espaço do território brasileiro, mais especificamente da região Nordeste que se apresenta de forma bastante diversificada em todos os aspectos, sejam sociais, políticos, econômicos, ambientais e culturais.

Assim como todos os outros lugares o semiárido apresenta particularidades que o caracterizam e lhes dão identidade, pois suas características naturais – fauna, flora, relevo, clima e hidrografia – não são encontradas nas mesmas proporções aqui presentes, pois cada lugar apresenta formas distintas de organização natural, espacial e social.

Desse modo, Andrade (1993, p. 34) faz um questionamento sobre o que é o Nordeste. Segundo o autor “o conceito de Nordeste, a aceitação de que existe uma região nordestina, é relativamente novo no Brasil. Durante o Império e a Primeira República, os Estados hoje nordestinos eram chamados de “do Norte”, admitindo-se que o país poderia ser dividido em duas porções: o Norte e o Sul, a primeira contrapondo a segunda”.

De acordo com o autor supracitado a ideia de Nordeste ainda é muito nova e como tal precisa ser mais bem estudada, explorada e divulgada para que possamos formar alunos conscientes das condições que assolam o semiárido, mas conscientes e críticos de que existem belezas nessa área.

Desse modo, objetivamos identificar as diferentes formas como o Nordeste, mais especificamente o semiárido nordestino é representado nos livros didáticos e mostrar por meio deste estudo as diferentes belezas aqui encontradas e que não são divulgadas. Para tal, recorreremos a um estudo bibliográfico para fundamentação do trabalho como forma de confrontarmos as duas realidades: a divulgada e a real.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 O semiárido e suas peculiaridades**

No território brasileiro a área ocupada pelo semiárido é de aproximadamente 900.000 km<sup>2</sup>, o que conta com cerca de 10% da área total do Brasil. Todos os estados do Nordeste são incluídos no contexto do Semiárido, exceto o Maranhão, além do Norte de Minas Gerais, que fica na região Sudeste (ALBUQUERQUE; SOBRINHO, 2006). É uma grande área que apresenta características peculiares, muitas vezes endêmicas e que precisa ser mais conhecida para ser protegida e valorizada.

Grande parte dessa região encontra-se inserida no chamado polígono das secas apresenta um regime pluviométrico marcado por extrema irregularidade de chuvas, no tempo e no espaço. Nesse cenário, a escassez de água constitui um forte entrave ao desenvolvimento socioeconômico e, até mesmo, à subsistência da população. A ocorrência cíclica das secas e seus efeitos catastróficos são por demais conhecidos e remonta aos primórdios da ocupação europeia desse espaço.

Acrescenta Andrade (1999, p. 21), que

Em regra, no semiárido, as precipitações anuais estão entre 400-800 mm, variando, também, as épocas de início e de fim da estação chuvosa. Prevalecem, entretanto, as chuvas de verão/outono. Outra característica

marcante do regime de chuvas na área é a grande variação que se manifesta tanto na distribuição das precipitações ao longo da estação chuvosa, como nos totais anuais de precipitação entre diferentes anos em uma mesma localidade ao longo da história. Há anos em que as chuvas se concentram num curto período da estação chuvosa. Em outros anos, a precipitação anual alcança valores bem abaixo de sua média, o que é característico dos chamados anos de 'seca'.

Requer novas perspectivas o estudo dessa porção do espaço brasileiro mostrando suas características naturais e culturais para alunos sertanejos que estão todos os dias em contato com seus elementos, mas muitas vezes não os conhece de fato, pois têm uma visão produzida por grande dos livros didáticos que prioriza as mazelas desse lugar gera no aluno - que ainda está em formação crítica - um sentimento de orgulho do seu próprio lugar, pois ela aparecerá mais atraente.

Pensar Nordeste é pensar em seca. Imaginar Nordeste é visualizar imagens de pobreza. Nordeste/seca... Seca/pobreza... Pobreza/Nordeste... Parece que essas palavras tornaram-se sinônimas, tanto que qualquer referência à região de imediato nos remete a cenas de miséria, da seca desolando tudo, da seca causando fome, da seca "empurrando" o nordestino para longe de sua terra. (ANDRIGHETTI, 1998, p. 7).

Neste trabalho, não pretendemos esconder ou mascarar as dificuldades naturais impostas pelo clima tropical semiárido, tampouco as dificuldades sociais provocadas pela má distribuição de renda, pela indústria da seca ou até mesmo pela política do pão e circo que ainda imperam, pelo contrário, pretende-se mostrar que nessa região tão castigada há elementos que a torna diferenciada das demais, pois muitos desses elementos são endêmicos e precisam ser reconhecidos e valorizados:

[...] na lógica propriamente simbólica da distinção – em que existir não é somente ser diferente, mas também ser reconhecido legitimamente diferente e em que, por outras palavras, a existência real da identidade supõe a possibilidade real, juridicamente e politicamente garantida, de afirmar oficialmente a diferença – qualquer unificação que assimile aquilo que é diferente, encerra o princípio da dominação de uma identidade sobre outra, da negação de uma identidade por outra. (BOURDIEU, 2004, p. 129).

Uma região com tamanha dimensão, constituída de várias formas físicas, geológicas, florísticas, sociais, econômicas, culturais não pode ser caracterizada de forma tão pejorativa, humilhante, discriminatória, excludente como vem sendo retratada ao longo de sua história. Porém, nas aulas de Geografia o professor pode retratar o

Nordeste e o semiárido, de modo particular, como sendo uma área de diversidades e adversidades, mas que contém belezas e não só mazelas.

Desta forma, é notória a forma utilizada pelos livros nacionais que em suas transcrições divulgam um nordeste pobre, seco, miserável – uma região problema, e em contrapartida, mostra as regiões sul e sudeste como sendo perfeitas, sem problemas ambientais tampouco sociais.

[...] a escolha de elementos como o cangaço, o messianismo, o coronelismo, para temas definidores do Nordeste, se faz em meio a uma multiplicidade de outros fatos [...] A escolha, porém, não é aleatória. Ela é dirigida por interesses em jogo [...] A questão da identidade nacional põe, na ordem do dia, a questão das diferentes identidades regionais no país, que deviam ser destruídas para uns e reafirmadas para outros [...] (ALBUQUERQUE JR. 2001, p. 49)

Para Albuquerque Júnior (2001), o combate aos preconceitos em relação ao Nordeste e ao nordestino, associando-os ao atrasado, ao rural, ao arcaico, não se fará por um discurso regionalista, que tente “inverter o sinal do que se diz, atribuindo uma falsidade ao que se fala e vê e procurando colocar outra verdade em seu lugar”. Teríamos que começar destruindo o Nordeste e o nordestino, como estas abstrações preconceituosas e estereotipadas, conhecendo as diversidades constitutivas de cada área e de cada parcela da população nacional.

## **2.2 O semiárido e os livros didáticos de Geografia**

O que se tem notado, em geral, nos livros didáticos é a utilização destas características naturais e até mesmo culturais como forma de desvalorização deste lugar, uma vez que os conteúdos abordados restringem-se a mostrar uma área seca, pobre, miserável, totalmente dependente do assistencialismo governamental. Isso tem gerado uma ideia de “recusa”, de “não aceitação” do seu lugar, sobretudo, nos alunos do ensino fundamental que comparam o seu lugar com outras regiões e acham as outras mais bonitas antes mesmo de conhecer o seu local.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN propõem o estudo detalhado dos diferentes lugares quando diz: “Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país” (PCN, 1998, p. 8).

Por meio do que propõe os PCN os professores têm um papel importantíssimo nesse processo, sobretudo, os professores de Geografia que podem realizar o estudo do lugar onde está inserido o corpo discente. Abordar os conteúdos por meio da realização de aulas dinâmicas e atrativas por meio de uma abordagem que prima pelo conhecimento profundo do lugar onde os alunos estão inseridos possibilita aos mesmos um maior conhecimento das características físicas, sociais, econômicas e políticas do seu local tornando-o, assim um cidadão cada vez mais crítico e atuante dentro do seu espaço de vivência.

Desta forma, por meio da utilização de materiais didático-pedagógicos (sobretudo, com o uso de livros locais usados como paradidáticos) que destaquem os elementos característicos do semiárido, o professor estará promovendo a aproximação dos alunos do cotidiano do seu lugar, assim esse conhecimento proporcionará maior valorização dos elementos que compõem a região gerando um sentimento de orgulho do seu lugar.

O professor é o caminho, pois ele é um agente formador e transformador no processo de ensino-aprendizagem. Porém, se faz necessário que o professor acompanhe o processo evolutivo com a dinamização de suas aulas, com o uso de novas tecnologias, mas, sobretudo, tornando o conteúdo significativo para o aluno e isso só é possível quando este conteúdo está presente na realidade vivida dos educandos, no seu meio social.

O bom professor deve adequar seu curso à realidade dos alunos. Realidade tanto local (a comunidade, o espaço de vivência e suas características) – nunca se deve esquecer que os estudos do meio constituem um dos mais importantes instrumentos da geografia escolar -, como também psicogenética, existencial, social e econômica. Se os educandos são fascinados pelos computadores, pela imagem no lugar da escrita, por jogos, então é interessante incorporar tudo isso na estratégia de ensino. Afinal o professor também é um cidadão que vive no mesmo mundo pleno de mudanças do educando e ele também deve estar a par e participar das inovações tecnológicas, das alterações culturais (VESENTINI, 2001, p. 30).

Nesta mesma linha Kaercher (2002) diz que houve uma mudança de slogan na Geografia trabalhada em sala de aula deixando o título de tradicional para Geografia crítica, porém ainda é presente a produção do que chamou de verdades cristalizadas o que tem gerado na mente dos alunos que a Geografia é chata, pois está distante do cotidiano dos alunos.

O ensino de Geografia, de forma geral, é realizado por meio de aulas expositivas ou da leitura dos textos do livro didático. Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, mediante situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos “ler” a paisagem local e outras paisagens presentes em outros tempos e espaços (BRASIL, 2001, p. 153).

Trata-se, portanto, de uma recomendação feita nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para que o professor tome o lugar como sendo de essencial importância para uma boa compreensão dos conteúdos, uma vez que os alunos estão todos os dias em contato assim fica mais fácil compreender não só os conteúdos de Geografia tratados no livro didático, mas o seu próprio lugar.

De acordo com Muniz (2007) “com o suporte teórico e metodológico das teorias do discurso, particularmente através de Foucault, a prática excludente de ensino aqui definida pressupõe a apresentação monológica de um só discurso de representação para a região Nordeste, discurso esse que mantém velhas relações históricas de poder (Centro-Sul versus Norte/Nordeste) envolve procedimentos de exclusão, silenciando outros modos de dizer/mostrar a região, e apresenta um só mesmo sentido como natural e real”.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebe-se por meio deste estudo que há um grande caminho a ser percorrido como forma de divulgação e trabalho realizado na sala de aula de Geografia no tocante ao modo como o semiárido é retratado com o intuito de proporcionarmos uma maior valorização deste local.

Deste modo, pretende-se que este estudo e muitos outros que retratam esta porção do espaço seja difundido nos mais diferentes meios de comunicação e nas bibliotecas das escolas para que os leitores compreendam que esta porção do espaço nordestino apresenta dificuldades de ordem natural e socioeconômica, mas que também tem belezas que precisam ser abordadas.

Uma vez analisados os modos como alguns livros didáticos tratavam e tratam o semiárido nordestino de modo particular o paraibano, o estudo contribuirá na identificação das informações contidas nestes veículos são de fato reais ou se são usadas como forma de menosprezar esta porção do espaço brasileiro que ao longo do tempo é vista como sendo uma “região problema”.

Espera-se que os professores, de Geografia de modo particular, compreendam que o semiárido ainda é visto como uma área repulsiva da população por vários motivos, mas que nas últimas décadas esse processo tem-se invertido. Este estudo servirá para uma desmitificação do semiárido que apenas sofre com suas mazelas e que não apresenta qualidades.

#### **4 REFERÊNCIAS**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: FJN/Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ANDRADE, Manuel Correia de. **O Nordeste e a questão regional**. 2. ed. São Paulo – SP: 1993.

ANDRIGHETTI, Yná. **Nordeste: mito e realidade**. São Paulo: Moderna, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região**. In: \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 107-132.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Ministério da educação. Secretaria de Educação Fundamental. 3 ed. Brasília, 2001. 166p.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <[www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf](http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2016

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, A. F. A. (org). **A Geografia em Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2001. 144p.

KAERCHER, N. A. **O gato comeu a geografia crítica?** alguns obstáculos a superar no ensino aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, N.N, OLIVEIRA, O. (orgs). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 221 - 231.

MUNIZ, Cellina Rodrigues. **A leitura de identidade nordestina no livro didático: um exemplo de prática excludente de ensino**, UFCE.

RODRIGUES, A. C.; FERRONATO, M.Z. **Breve discussão sobre os métodos científico, dedutivo, indutivo e hipotético-dedutivo**. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/reflexao/sobremetodos.asp>> Acesso em: 21/07/2016.

SANTOS, Moacir José dos. **Seca é Seca Falta de água é política**. Artigo publicado, 2008